



Manuela Matos Monteiro

## PERFIL

Arsélio de Almeida Martins nasceu em 1947, em Santo André – Vagos. Licenciou-se em Matemática (pura) pela Universidade do Porto, é professor do ensino liceal, básico e secundário desde 1972, e realizou o estágio pedagógico no Liceu Garcia de Orta, no Porto. Trabalhou em escolas de Vila Real, Espinho, Porto, Santo Tirso e Aveiro, e, como professor cooperante, em S. Tomé e em Cabo Verde.

Activista nos movimentos de docentes, sindicais e associativos. É sócio da Associação de Professores de Matemática e da Sociedade Portuguesa de Matemática, da qual foi dirigente regional na década de 70 e nacional na década de 80.

É o presidente de conselhos directivos e Executivo da Escola José Estêvão e foi director do Centro de Formação de Aveiro e membro do Conselho Coordenador da Formação Contínua de Professores.

Co-autor dos programas do ensino secundário de Matemática para a revisão curricular participada: Matemática A, Matemática B, Matemática Aplicada às Ciências Sociais e Matemática dos Cursos Profissionais... participou nas decisões e nas iniciativas de formação e suporte a essas mudanças.

Recebeu o Prémio Nacional de Professores, atribuído pelo Ministério da Educação em 2007.

## ENTREVISTA COM...

### Arsélio Martins

*Professor de Matemática desde sempre, activista em vários movimentos e associações de natureza diversa, formador de professores, co-autor de programas. Presidente de vários Conselhos Directivos, é na relação com os seus alunos que reconhece o seu principal papel.*

#### **Ser professor de Matemática foi a sua primeira opção de vida profissional?**

Nos últimos anos de estudante na Universidade do Porto, era dirigente associativo estudantil e, por essa via, sabia que tinha algumas competências nos campos da comunicação, argumentação e também de liderança. Quando, em 1972, completei a licenciatura em Matemática (pura), sem pensar nisso, pensava que tinha conhecimentos bastantes para o ensino liceal (ao tempo, hoje básico e secundário). Com essa bagagem, concorri a professor do ensino liceal e fui colocado no Liceu Nacional de Vila Real. Não me lembro de ter pensado em qualquer outra forma de ganhar a vida. Admito que tive vontade de ser outras coisas, como é normal.

#### **Muitos consideram que leccionar Matemática é muito mais complicado que leccionar outra disciplina. Concorda?**

Para mim, não é. O que eu faço é ensinar Matemática ou ajudar jovens a aprender a Matemática básica, o que é preciso que toda a gente saiba e, se possível, explicar porquê e para quê este ou aquele assunto. E ao fazer isto, sem pensar nisso, ajudar os jovens a aprender outras coisas: ler, escrever, interpretar mensagens, argumentar, escolher conceitos, métodos e técnicas ou tecnologias que ajudem no trabalho.

#### **Quais são os principais problemas sentidos por um professor de Matemática?**

O principal problema de um professor, hoje em dia, vem de sabermos (e sentirmos para além de sabermos) que uma parte dos nossos estudantes dá muito pouco valor ou pouca importância ao saber, à cultura literária e científica genéricas. Sabemos que os nossos jovens não são do nosso mundo, do mundo de que nos cabe dar um testemunho organizado para interpretar e participar no futuro. A nossa lista de precisos tem poucos itens entre os itens da lista implícita na matriz

cultural da generalidade das famílias. É como se ditássemos um vazio de sentidos e necessidades. E avaliássemos o nível de apropriação do não desejado. Em muitos casos, a matemática escolar serve para dar uma medida de penetração no mercado de um bem de que se fala mal, por um lado, e do qual se dá uma dimensão espiritual da maior importância, por outro. Ao lado de multidões a desinteressar-se e a desinvestir na cultura literária e científica e a investir na actualidade efervescente, há pequenas multidões de jovens que caminham entusiasmados entre o passado e o futuro. Esta multidão engrossa muito devagar ou assim nos parece.

#### **Quais são os principais factores que explicam o sucesso/insucesso nesta disciplina?**

Os nossos problemas culturais e os valores dominantes explicam, do meu ponto de vista, o sucesso e o insucesso. A uma importância desmesurada ao nível do poder simbólico, responde uma importância prática quase nula ao nível da média das contribuições individuais dos cidadãos jovens e suas vizinhanças incapazes de apreciar a matemática ainda que



a utilizem sem dar por ela. É bem possível e é admissível que uma parte da culpa seja atribuída a professores e sistema escolar restrito, de um lado, e às famílias, comunidades e sistema educativo, do outro. Como se houvesse uma barricada e os dois lados dela. De um lado, os que ensinam e ajudam a aprender, de outro os que, mesmo não aprendendo, precisam e exigem certificação como resposta à exigência dos diplomas, mais para memória futura e menos para a acção consciente.

**Nas sondagens que se consultam, por exemplo na Internet, há uma tendência a considerar que o professor não é um elemento fundamental na resolução deste problema. Concorda?**

Quando os professores apareciam como exclusivos detentores do saber e exclusivas fontes para a sua transmissão, eles eram os elementos fundamentais para a resolução de qualquer problema do ensino. Já não é assim. A sociedade é uma escola, todos andam na escola e mesmo os professores andam na escola. A democratização vulgarizou a escola e os professores são uma multidão como outra qualquer. São profissionais que tratam da organização de um corpo de saberes universais, que fazem parte de todas as vidas vulgares, e podem estar guardados e ser mostrados por muitos outros meios, todos disponíveis. O professor de hoje, na sociedade democrática, é mais um a dar uma

*“Um (bom?) professor de Matemática sabe de que matéria é feito o seu ensino, para que serve a matemática básica, e sabe que nada do que existe realmente é estranho à matemática e ao seu ensino.”*

contribuição própria para a resolução do problema. E não há drama nisso.

### **Defina um bom professor de Matemática.**

Um (bom?) professor de Matemática sabe de que matéria é feito o seu ensino, para que serve a matemática básica, e sabe que nada do que existe realmente é estranho à Matemática e ao seu ensino. Não menospreza qualquer método, não despreza qualquer fonte, não diminui a história, não esconde a matemática da tecnologia nem as suas limitações. Sabe que quando ensina e um aluno aprende, ao lado outro está que não aprende e espera o seu momento. Sabe que um aluno pode ajudar e ser ajudado por outro e pelos grupos em que trabalha. Sabe que vive de olhar e ouvir os outros, de criar a vontade de perguntar, de fazer perguntas e procurar as respostas ou ajudar a procurar as respostas que contêm novas perguntas.

### **Qual o episódio ou situação que mais o marcou como aluno?**

Lembro-me vagamente, mas lembro-me, do professor primário

que passava por minha casa e me levava para a escola. Lembro-me da professora que me levou a passar um fim-de-semana à vila para ver o meu primeiro filme e fez com que a minha mãe me comprasse umas meias que calcei já a camioneta parara e esperava. Lembro-me de um professor que me mandava em palavras de volta para o campo. Lembro-me do professor que confiava nos estudantes e nos encomendava trabalhos e aulas práticas que nós preparávamos esforçadamente. Lembro-me de professores que nos apresentavam teoremas e nos davam a eternidade para os demonstrarmos e iam enfraquecendo as hipóteses dos teoremas... e as nossas.

### **E como professor?**

Lembro-me de alguns alunos brilhantes que se perderam até não se reconhecerem nem se aceitarem como são. Lembro-me de alunos que iam para as aulas com a alegria de quem ia ver um filme de aventuras e, com entusiasmo, participavam da aventura matemática.



**Professor há tantos anos, concorda com a opinião daqueles que afirmam que os alunos de hoje trabalham muito menos do que “os de antigamente”?**

Muitos jovens trabalham muito e muito esforçadamente. E muitos alunos trabalham repetindo rotinas gastas, convencidos que a resolução exaustiva de muitos exercícios iguais garante os resultados até que percebem que nem melhoram as notas nem aumentam a compreensão que um só caso bem estudado podia ter garantido. Saem da escola e vão para outras escolas numa azáfama inglória. Para muitos deles, o essencial seria parar para pensar e aumentar o esforço inteligente.

Outros há que não trabalham, que desistiram em algum momento e precisam de esforços redobrados para recuperar. Muitos há que não trabalham. Não há novidade alguma no que ao trabalho respeita, neste país onde ainda imperam ideias feitas: quem anda na escola não trabalha, quem trabalha não estuda.

**Considera importante a atribuição do Prémio Nacional de Professores? Gostou de o receber?**

O Prémio Nacional de Professores representa, para mim, o reconhecimento por parte dos professores de Aveiro, em particular da minha escola, que apresentaram a minha candidatura como se os representasse em alguma coisa que os transcendesse, como quem procura ser visto. De certo modo, o júri reconheceu-me como expressão da acção dos docentes voluntaristas, práticos mais ou menos reflexivos que



desempenharam um papel importante durante a expansão da escolaridade. Como professor, profissional e activista de alguns movimentos docentes, só posso sentir-me honrado por ter sido escolhido pelos meus pares, reconhecido pelo júri e receber um prémio por ser professor e cidadão activo.

**Indique três aspectos positivos e três negativos do actual ME.**

Este Ministério escolheu e tocou em aspectos fundamentais que precisavam de ser debatidos na sociedade para novas decisões sobre eles: estatutos do aluno e do docente, organização e administração das escolas, reorganização e requalificação da rede de escolas e seus equipamentos. Positivo é que se tenha deixado tocar por qualquer destes aspectos. Negativos pareceram todos estes aspectos nas suas aplicações, ora assinalados como autoritários ora assinalados como actos avulsos e provisórios a merecer remendo e alteração. :

**AS ESCOLHAS DE** *Arsélio Martins*

**LIVRO** *Existe um homem que tem o costume de me dar com um guarda-chuva na cabeça*, de Sorrentino; *Edoi Lélia Doura*, antologia organizada por Herberto Helder, *Chão de Vespas*, de José Carlos Soares; *Cidade dos Diários*, de Visões Úteis; *Proofs from the book*, de Aigner e Ziegler; *Os problemas da Matemática*, de Ian Stewart,... **POEMA** *E poema contínuo*, de Herberto Helder; *Elegias de Duíno*, de Rilke; *Sonetos*, de Camões; **MÚSICA** *Quarteto para o fim dos tempos*, de Messiaen; *Vejam bem*, de José Afonso; *Ne me quittes pas*, de Jacques Brel; *Ohmalone*; **FRICS** em Ourense **VIAGEM** Florença, pelos olhos e pela mão de uma escritora policial **FRUTO** Laranja **PINTOR** Vermeer, Dürher e Leonardo; Delfim Rodrigues, José Vaz e Fernando José Pereira.